

FAZER UM POVO. A CONSTRUÇÃO DOS *CALLAECI* ENTRE A ARQUEOLOGIA E A HISTÓRIA ANTIGA

ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA*

Resumo: Os últimos séculos da proto-história permitem-nos conhecer o nome de um conjunto de «povos» que se distribuíam pelo continente europeu, embora na larguíssima maioria dos casos a sua designação inicial nos chegue pela pena dos conquistadores romanos. Entre essas unidades étnicas, de natureza, dimensão ou hierarquia muitas vezes desconhecidas, contam-se os *Callaeci*, uma das comunidades do Norte de Portugal a cujo nome o destino histórico reservou uma particular perduração temporal e extensão geográfica.

Este texto aborda as questões de identidade e etnicidade aplicadas às sociedades arcaicas a partir de uma perspetiva antropológica, na linha de modernos contributos que pretendem equipar a abordagem arqueológica com instrumentos de análise que ultrapassem quer as desenganadas narrativas histórico-culturais, quer o ceticismo dos que duvidam poder ler na cultura material algo mais do que a sua essencial e radical materialidade.

Palavras-chave: etnogénese; *Callaeci*; História Antiga; Península Ibérica.

Abstract: The last centuries of proto-history allow us to know the name of a group of «peoples» that were distributed throughout the European continent, although in the vast majority of cases their initial designation comes to us through the pen of the Roman conquerors. Among these ethnic units, whose nature, size or hierarchy is very often unknown, one can point out the *Callaeci*, one of the northern communities of modern Portugal whose name the historical fate has reserved a particular temporal endurance and geographical extent.

This text deals with the questions of identity and ethnicity applied to archaic societies from an anthropological perspective, along the lines of modern contributions that aim to equip the archaeological approach with tools of analysis that go beyond both the disillusioned historical-cultural narratives and

* Membro da direção da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Email: amspsilva@hotmail.com.

skepticism of those who doubt that one can read in material culture anything more than its essential and radical materiality.

Keywords: ethnogenesis; *Callaeci*; Ancient History; Iberian Peninsula.

Entre os últimos séculos da proto-história e os primeiros da dominação romana, a História regista pela primeira vez, ao longo do continente europeu, a designação de um conjunto de «povos» que nos dão a oportunidade — como lembra Kristian Kristiansen — para verificar hipóteses sobre a identificação e o significado da etnicidade ou das próprias migrações¹, se bem que acerca de muitas dessas entidades coletivas, como sucede concretamente no Noroeste da Península Ibérica, por vezes se conheça apenas o nome, e de outras se discuta a localização incerta, sendo anacrónico procurar objetividade ou distanciamento nas informações que sobre esses «povos» prestaram os «geógrafos» e «etnógrafos» da época.

Tradicionalmente, a arqueologia histórico-cultural, na linha de Gustaf Kossina² e Vere Gordon Childe³, tentou colar «pacotes artefactuais», e logo «culturas», a esse mosaico étnico, mas o progresso da investigação e da reflexão arqueológicas viria a concluir pela ineficácia desse mapeamento e a profunda dificuldade de aproximação do olhar contemporâneo às etnicidades de há dois milénios.

A ARQUEOLOGIA DOS POVOS E DAS CULTURAS

Os povos não são criação divina nem fenómeno da natureza. Os povos fazem-se e desfazem-se. Contrariamente ao que defendem certos nacionalismos essencialistas, pretendendo reunir em coletivos «étnicos» (usando o termo em sentido genérico) uma população que partilha um mesmo espaço físico, uma língua, uma religião e, por vezes, outros traços tidos como distintos e distintivos, numa espécie de comunidade «natural» (quando não, perigosamente, «nação-eleita»), sabemos modernamente que os «povos» são entidades mais fluídas e mutáveis do que durante muito tempo se pensou, do mesmo modo como também se criam ou aniquilam.

Não faltam exemplos, em tempos passados como atuais, de genocídios mais ou menos brutais e eficazes — o termo foi cunhado no contexto do Holocausto nazi⁴ mas aplica-se a etnocídios como o da matança arménia nos começos do século XX ou a episódios recentes como os que tiveram, ou têm lugar no Ruanda, na Bósnia ou em muitas outras partes do mundo⁵. Pelo contrário, os processos etnogenéticos documentam-se

¹ KRISTIANSEN, 2001: 17.

² KOSSINA, 1911.

³ CHILDE, 1929.

⁴ LEMKIN, 1944.

⁵ Cfr. <<https://www.genocidewatch.com>> para uma panorâmica atual.

por exemplo em diversos contextos coloniais, no quadro das tensões de poder, resistência ou assimilação das próprias sociedades colonizadoras⁶.

Para Norman E. Whitten Jr., aliás, etnogénese e etnocídio podem até ser vistos como dimensões complementares, uma vez que se fundamentam ambos em episódios de hegemonia e resistência à hegemonia, ou, noutras palavras, num confronto ou competição de identidades⁷. Curiosamente, ambos os processos parecem ter similitudes nas suas fases iniciais, começando numa progressiva consciência e valorização da alteridade — «nós e eles» — para prosseguir muitas vezes para um patamar de simbolização⁸, a vários níveis e de tónica diferenciada conforme a natureza do processo em causa.

Se a abordagem antropológica aos fenómenos de etnogénese possibilita, pelo menos em teoria, que se cruzem ou balancem aproximações externas com uma eventual perceção mais endógena ou «emic» desses processos⁹; já no que se refere às sociedades proto-históricas, pelo contrário, dispomos apenas de fontes literárias, «exo-étnicas», na expressão de certos autores¹⁰.

A negação das teorias de Gustaf Kossinna e a sua clássica cartografia de povoamento arqueológico, a *Siedlungsarchäologie*, baseada na quase automática adscrição aos povos mencionados nas fontes clássicas (encarados ainda numa visão ingénua e romântica) de supostas «áreas culturais» definidas pela dispersão de pacotes de objetos ou outros itens arqueológicos¹¹, mas sobretudo a demonização daquele investigador pela sua aproximação ao nazismo e manipulação política da ciência arqueológica¹², suscitaram aos temas da etnicidade um longo deserto na arqueologia europeia, levando a que só nas últimas décadas do século XX recuperassem espaço nas agendas teóricas.

Esta redescoberta da etnicidade, tanto no domínio da arqueologia como no das ciências sociais em geral¹³, com fundamentos, no que agora nos interessa, nas obras de Hodder, Shennan, Jones¹⁴ e tantos outros, produziu maiores consequências no plano teórico que no prático, levando ao que Guillermo Reher designou como a «síndrome da introdução à etnicidade», ou seja a assunção por parte dos arqueólogos de um paradigma

⁶ JONES, 1997; HU, 2013; WEIK, 2014; VOSS, 2015.

⁷ WHITTEN, 1996: 407, referindo-se à sua obra *Sacha Runa: Ethnicity and Adaptation of Ecuadorian Jungle Quichua* (Chicago/London, University of Illinois Press, 1976), na qual, estudando povos de língua Quichua da região oriental do Equador, observou a paradoxal complementaridade de um processo de etnocídio, na perspectiva nacional, corresponder a dinâmicas de etnogénese do ponto de vista dos nativos.

⁸ STANTON, 2009 [1996]. Disponível em <<http://www.genocidewatch.org/images/8StagesBriefingpaper.pdf>>. [Consulta em 01/09/2018].

⁹ Muitos defendem até que a etnografia é sempre uma translação de cultura baseada nessa tensão entre os modos interno e externo de definir a identidade cultural (cfr. RACZYNSKA, 2016: 108, com larga bibliografia).

¹⁰ FERNÁNDEZ-GÖTZ, 2011: 229; RUIZ ZAPATERO, 2009; WOOLF, 2009 que enquadra as narrativas etnográficas da Antiguidade no plano das relações «middle-ground» entre colonos e colonizados.

¹¹ KOSSINA, 1911; FERNÁNDEZ-GÖTZ, 2008: 25-30; 2009.

¹² FERNÁNDEZ-GÖTZ, 2008: 47-53; 2009.

¹³ RUIZ-ZAPATERO, 2009: 14.

¹⁴ HODDER, 1982; SHENNAN, 1989; JONES, 1997.

que evoca os avanços teóricos sobre o tema da etnicidade para depois, «baixando ao terreno» das materialidades, resultar na incapacidade de aplicar ferramentas adequadas à leitura etnológica das ruínas, artefactos, padrões de assentamento ou outras categorias da evidência material do passado¹⁵.

A «síndrome da introdução à etnicidade» acaba por desembocar ou em perspetivas essencialistas e num histórico-culturalismo refresco, ou no total ceticismo quanto ao potencial informativo dos vestígios materiais para responder à velha questão que Peter Ucko considerou «talvez a mais fundamental» da pesquisa e interpretação arqueológicas:

*What can be legitimately inferred about the social groups which produced the material culture objects which are the primary evidence of archaeology? More particularly, when can such presumed groups of people legitimately be assumed to have thought themselves to be distinct from other contemporaneous social groups of human beings?*¹⁶

Contra essa síndrome da introdução à etnicidade têm vindo a lutar — com exemplos e propostas práticas, autores como Sebastian Brather, Jonathan Hall, Stuart T. Smith ou Nico Roymans¹⁷, merecendo destaque ultimamente na arqueologia peninsular os estudos de Gonzalo Ruiz Zapatero e Manuel Fernández-Götz¹⁸.

Este último, nomeadamente, assente num sólido aparato teórico, tem proposto metodologias de análise e exemplos concretos de interpretação «progressiva» do registo arqueológico para diversos casos da proto-história peninsular, da Gália ou da zona centro-europeia¹⁹, destacando, na linha dos autores citados, tópicos e abordagens que passam, nomeadamente, pela revalorização dos mitos de origem e de um antepassado comum, pela leitura profundamente contextual do registo material (sendo por isso pouco consequentes cartografias de larga escala que apenas sublinham o comum e o transversal a vários contextos étnicos) e ainda por uma aproximação «multi-escalas» à etnicidade²⁰, dada a sua reconhecida natureza volátil, variável, heterológica, na expressão de Siapkak²¹.

¹⁵ REHER, 2011; FERNÁNDEZ-GÖTZ, 2015: 400-401.

¹⁶ UCKO, 1989: xiii.

¹⁷ BRATHER, 2002; HALL, 1997; SMITH, 2003; ROYMANS, 2004.

¹⁸ Cfr. bibliografia final.

¹⁹ FERNÁNDEZ-GÖTZ, 2013; 2013-2014; 2014a; 2014b; 2016.

²⁰ REHER & GÖTZ, 2015: 402.

²¹ SIAPKAS, 2003.

AS FONTES LITERÁRIAS E A SEQUÊNCIA HISTÓRICA

A Península Ibérica entra na órbita do conhecimento greco-latino através de viagens de aventura ou exploração e, sobretudo, pelos escritos de autores que, na maior parte dos casos, não tiveram conhecimento direto das realidades que descreveram, compilando outras fontes e tradições. Nessas descrições, usualmente de pendor mais geográfico mas com referência a etnónimos e apontamentos etnográficos mais ou menos dispersos, de que são exemplo os escritos de Políbio, no século II a.C., ou um pouco mais tarde, Artemidoro de Éfeso, surgem principalmente referências a entidades macro-étnicas, como é o caso dos *Lusitanos* na fachada atlântica da Ibéria²², ou de modo análogo, noutras regiões, os Galos ou os Germanos.

Essas entidades — correspondentes a conglomerados de unidades étnicas menores, como parece ilustrado no que seria a semântica original dos *Allamani* (*all men*) — traduzem afinal a novidade ou a estranheza da descoberta e contacto com o Outro por parte dos autores circum-mediterrânicos. Esses *bárbaros* — designação que rapidamente passou de mero designativo a uma evocação de todo um «pacote cultural», ainda que indistinto e em grande medida fantasioso²³ — chegaram ao discurso histórico com etnónimos talvez auto-identificativos, talvez atribuídos do exterior²⁴, considerando até a fluidez da comunicação com os informadores e as dificuldades de transcrição para o grego ou depois para o latim, de nomes por vezes de difícil pronúncia, como se queixou Plínio²⁵, que evitou citá-los para não maçar os seus leitores.

Além da seca enumeração de acidentes geográficos — rios, serras ou promontórios — e das gentes que habitariam essas regiões, surgem por vezes exemplos de uma proto-etnografia que pela sua raridade e colorido das descrições usamos com abundância — veja-se a panorâmica dos costumes dos lusitanos e dos galaicos oferecida por Estrabão²⁶ — mas que devemos ler com a prudência de um discurso mediado pela *interpretatio* dos autores que, mais que uma mera ferramenta para apresentar crenças, costumes ou rituais, resultou da radical necessidade de repensar o Outro na alteridade de si e do seu mundo, como salientaram Bucholz, Kulikowski, Woolf²⁷ e outros autores para a antiga Germânia, ou por exemplo Gonzalo Cruz Andreotti²⁸ e Domingo Plácido Suárez²⁹ para a Ibéria, transformando gentes e terras incógnitas — a infinita floresta (*Hercynia silva*) que se estendia às partes mais secretas (*secretiora*) e distantes da Germânia, nas

²² PEREZ VILATELA, 2000: 21-37; PLACIDO, 2004.

²³ RACZYNSKA, 2016: 109.

²⁴ Como crê GONZALEZ-RUIBAL, 2006-2007: 454, ao dizer que os galaicos jamais de denominaram a si próprios como galaicos.

²⁵ *Nat. Hist.*, III, 28.

²⁶ *Geogr.*, III, 3, 5-8.

²⁷ BUCHOLZ, 1968; KULIKOWSKI, 2007; WOOLF, 2009; 2013. Cit. em RACZYNSKA, 2016: 111.

²⁸ CRUZ ANDREOTTI, 2004; 2009; 2016; CRUZ ANDREOTTI & MORA SERRANO, 2004.

²⁹ PLACIDO SUÁREZ, 2009.

expressões de César e de Tácito³⁰ — num modelo mais familiar e aceitável de *otherness*, de alteridade, na formulação de Greg Woolf³¹.

A certa altura dos registos entram em cena as unidades étnicas menores, recolocando-se mais uma vez a questão de saber quais emergiam de uma ancestralidade significativa e correspondiam efetivamente a comunidades que se auto-reconheciam com uma identidade, traços culturais e porventura nome coletivo próprio e quais terão sido forjadas na negociação e mediação cultural com os inquirentes «proto-etnógrafos» ou depois com as necessidades de categorização dos invasores romanos³².

Chegamos assim aos *Callaeci*. A sua entrada na História ocorreu no quadro da expedição militar do general romano *Decimus Iunius Brutus* às terras a norte do Douro, entre os anos de 138 e 137 antes de Cristo, aparentemente uma ação punitiva na fase final das guerras lusitanas. Após a travessia do Douro e a chegada ao rio *Lethes*, ou «rio do esquecimento»³³, com o conhecido episódio do receio das tropas no seu atravessamento, obrigando o general a fazê-lo em primeiro lugar³⁴, os *Callaeci* terão sido (já no regresso para sul das tropas romanas) o primeiro ou o mais aguerrido dos *populi* da região com que o procônsul romano se enfrentou em batalha singular. Os autóctones terão convocado em sua ajuda outras populações do norte, reunindo um efetivo de 60.000 combatentes que no dizer de Paulo Orósio³⁵, escrevendo quase quinhentos anos depois, foram praticamente dizimados (50.000 teriam sido mortos e 6.000 feitos prisioneiros) numa batalha travada nas margens do Douro. Se admitirmos que neste exército indígena estariam a generalidade dos varões galaicos em idade de combater, naquele dia 9 de junho de 137 a.C. coincidiu a apresentação étnica desses Galaicos com o seu quase genocídio.

Não obstante a distância temporal deste registo histórico, vários autores gregos ou latinos fazem eco da campanha do general romano ou deste confronto, todos evocando essa entidade étnica dos *Callaeci* ou, na sua variante grega, os *kallaikoi*, como é o caso, por exemplo, do já citado Tito Lívio ou de Ovídio³⁶, que escreveram por alturas do reinado do imperador Augusto. O certo é que, no seu regresso a Roma, Décimo Júnio Bruto celebrou o imponente triunfo e acrescentou o epíteto de *Callaicus* ao seu nome, como era comum aos generais que obtinham vitórias importantes ou a submissão definitiva dos povos que o poder romano ia alcançando. Um episódio um pouco anterior a estes sucessos foi recordado por Apiano de Alexandria no século II, nas suas *Guerras da*

³⁰ Respetivamente *B. Gal*, VI, 26-28 e *Ger*, 41. Cfr. RACZINSKA, 2016: 112-3.

³¹ WOOLF, 2013: 137.

³² PLACIDO, 2009.

³³ Para a generalidade dos autores o rio Minho, embora haja proposta diversa (GUERRA, 1996: 154-159; 2007: 117-118).

³⁴ T. Liv., *Perioch*, 55.

³⁵ *Historiarum adversus paganos*, V, 5, 12.

³⁶ *Fasti*, VI, 461-2.

Ibéria, registando, sem maiores detalhes, que já no ano de 139 a.C. o governador Quinto Servílio Cipião teria «arrasado os campos dos Vetões e dos Callaicos»³⁷.

Para sintetizar, pois não são propriamente os eventos militares que aqui nos importam, na segunda metade do século II antes da nossa era, existia a norte do Douro – porventura não muito distante do rio – uma entidade «étnica» que se identificava ou a quem os antigos designaram por *Callaeci*, *kallaikoi*, Galaicos. O episódio da «batalha do Douro», associado à descrição da expedição de Brutus com evidentes tons de epopeia dramática, levou alguns estudiosos a duvidar quer da quantidade dos opositores indígenas, quer mesmo da própria existência dos *Callaeci* enquanto efetiva realidade étnica. Na verdade, Bruto patrocinou a obra de um literato, Lucius Attius, poeta e dramaturgo de reconhecidos méritos, que poderá mesmo tê-lo acompanhado à Hispânia. Neste cenário, não seria de estranhar que a fantasia literária de Ácio exagerasse ou pintasse de tons mais cenográficos os sucessos do patrono ou mesmo — quem sabe? — usasse com liberalidade apelativos étnicos distantes para distinguir o novo triunfo do cônsul dos anteriores que obtivera frente a celtiberos ou lusitanos, porventura igualmente relevantes mas menos coloridos na crueza da própria guerra³⁸.

Não abordaremos aqui as questões filológicas ligadas ao etnónimo *Callaeci*, o especulativo local da «batalha do Douro» ou sequer a região onde terão tido assento primordial estes galaicos, que a maior parte dos estudiosos situa na área do Porto (assumindo como *Cale* a designação do povoado indígena que se instalou no atual morro da Sé), mas para os quais interpretação corográfica feita à luz das fontes escritas parece admitir também localização mais interior³⁹.

³⁷ *Iber*, 70.

³⁸ Possibilidade que aparentemente G. Pereira-Menaut, notável estudioso da etnogénese galaica, sustentaria (inf. pessoal de Fernando Wulff Alonso, que agradecemos).

³⁹ Segundo as propostas de A. RODRÍGUEZ COLMENERO, 1977: 35; 1979: 16; 1996: 245, etc., ultimamente seguido por REDENTOR, 2011: I, 78, 84.

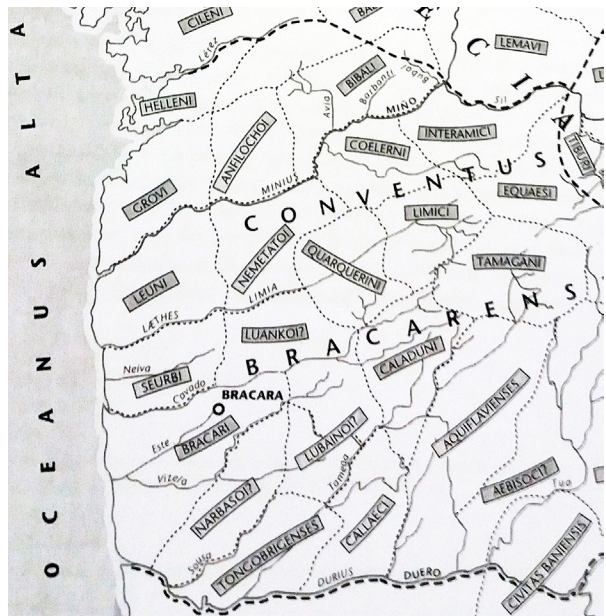


Figura 1. Localização dos Callaeci segundo A. Rodríguez Colmenero, 1996 (recortado).

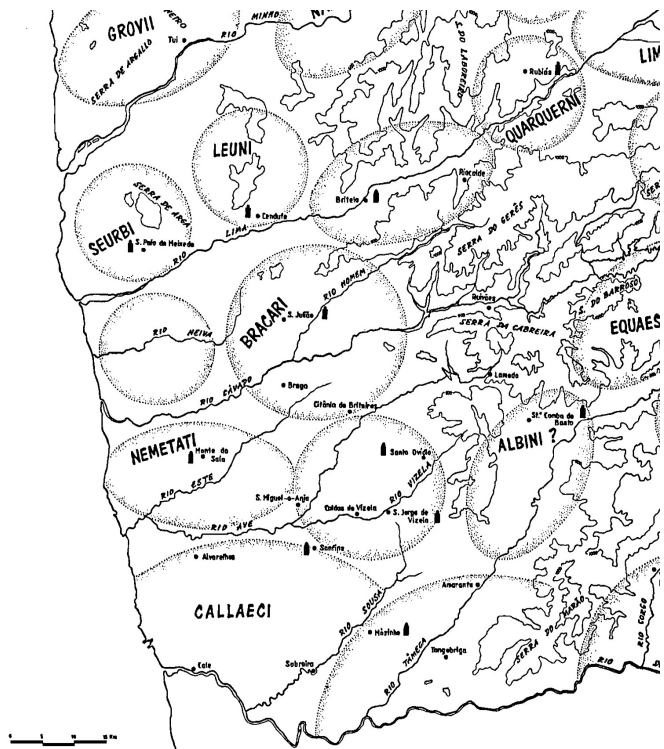


Figura 2. Localização dos Callaeci segundo Jorge de Alarcão, 1999 (recortado).

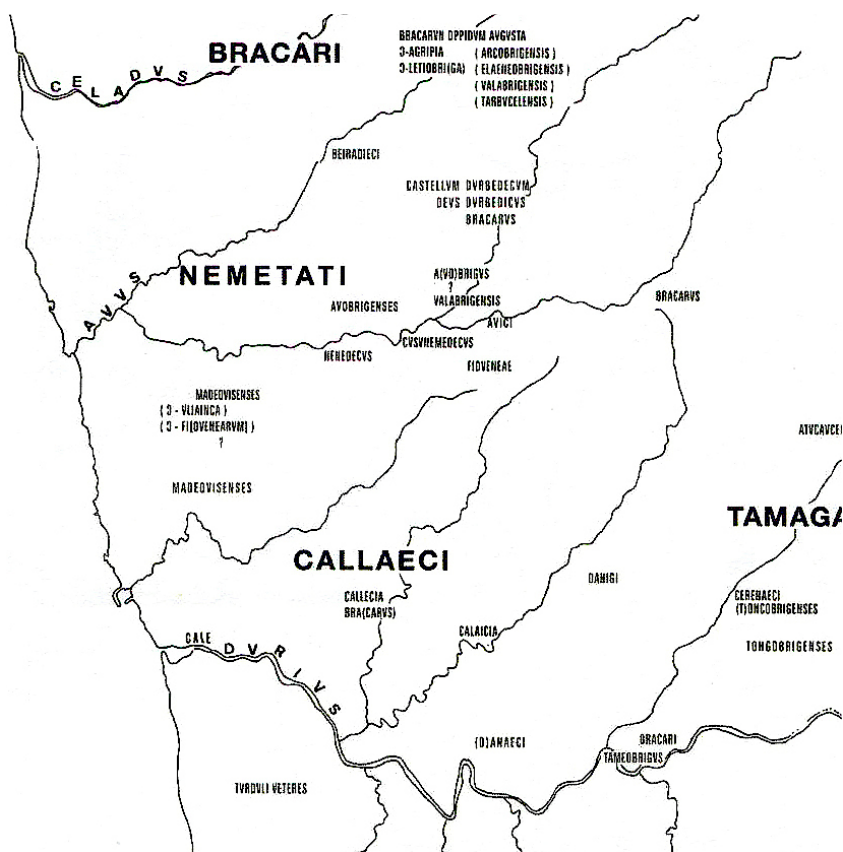


Figura 3. Localização dos *Callaeci* segundo A. C. Ferreira da Silva, 2007 (recortado).

Porém, o ciclo cronológico dos *Callaeci*, dos quais desconhecemos eventuais raízes anteriores, sofreu notável (e em parte ignorada) aceleração histórica, que porventura levou o povo na voragem do nome. Na verdade, a sua identidade tópica terá sobrevivido pouco mais de um século, como sabiamente apontou G. Pereira Menaut⁴⁰, pois quando, algures pela mudança de era, na então jovem urbe de *Bracara Augusta* se epigrafou um monumento honorífico a um neto de Augusto, selecionou-se, com hábil pedagogia e aparentemente sem ser caso único na cidade⁴¹, uma entidade colectiva, *Callaecia*, como dedicante, nada ou pouco tendo já que ver com o primitivo solar do povo ou *castellum* epónimos⁴² mas usando a *praxis* epigráfica como elemento de reforço da nova identidade étnico-política então em clara afirmação⁴³.

⁴⁰ PEREIRA-MENAUT, 1984: 281; 1998: 306-7.

⁴¹ REDENTOR, 2011: II, 115-6.

⁴² TRANOY, 1981: 150; PEREIRA-MENAUT, 1984: 280; 1998: 303-4; REDENTOR, 2011: II, 114-5.

⁴³ PEREIRA-MENAUT, 2010: 248.

Pelos meados do século I, Plínio-o-Velho, descrevendo o Noroeste peninsular já à luz de uma realidade socio-política toda outra — o território totalmente dominado e pacificado, a província romana dividida em *conventus* e estes em *civitates* (o modelo administrativo que Augusto aparentemente desenhou, com maior ou menor ajuste, sob o mapa étnico indígena)⁴⁴ registou que o *conventus* dos Brácaros possuía 24 *civitates* e 285.000 homens livres, enumerando daquelas apenas as correspondentes a diferentes *populi*⁴⁵: os mesmos Brácaros, os Bíbalos, os Coelernos, os *Calaicos*, os Equaesos, os Límicos e os Querquernos⁴⁶. Seriam estes galaicos os descendentes daqueles que dois séculos antes haviam liderado a malograda resistência a Décimo Júnio Bruto?

É possível que sim, mas já o nome alcançava outras ressonâncias. Pela mesma altura, nos pórticos de um santuário dedicado aos imperadores júlio-claudianos em Aphrodisias, cidade grega nas extremas do Mediterrâneo, esculpiam-se de forma alegórica e com identificação epigráfica pelo menos dezasseis dos povos submetidos por Roma, onze dos quais sob o *imperium* de Augusto⁴⁷. De um deles restou apenas a inscrição basal, registando *ethnous kallaikon*, o povo dos Galaicos, a única etnia da Hispânia ali representada, elemento que a par de outra figuração do *sebasteion* permitiu que Centeno, Morais e Bartolomé Abaira sublinhassem recentemente⁴⁸ que nessa época já o etnónimo *Callaeci* — ali evidentemente aplicado à ação direta de Augusto na conclusão das guerras hispanas — se estendera, por sinédoque que escapa ainda à nossa total compreensão, a todos os *populi* do noroeste ibérico.

Nesta linha, a proposta de que poderá mesmo remontar ao confronto com Décimo Júnio Bruto a generalização do etnónimo maior a um conjunto de entidades étnicas originárias da região a norte do Douro⁴⁹ suscita hipóteses interpretativas que sugerem um eventual processo etnogenético muito particular, senão mesmo uma quase *inventio* romana dos *Callaeci*, o que não destoaria, aliás, da futura invenção da *Callaecia*⁵⁰. Seja como for, a circunstância de aos galaicos ter sido adscrito um território e os direitos e obrigações de uma *civitas* assinala o sucesso e alguma perenidade do eventual estímulo dos conquistadores para superar a eventual debilidade das expressões endo-étnicas.

⁴⁴ O que não significa que, pontualmente, populações não pudessem ser territorialmente deslocadas ou mudadas de tutela administrativa, como exemplarmente demonstra o bronze de El Bierzo (PEREIRA-MENAUT, 2005; 2015; DOPICO CAÍNZOS, 2009).

⁴⁵ Termo neutro, passível de aplicar-se a unidades de diferente grandeza ou hierarquia (OLIVEIRA, 1994; CIPRES, 2014; OSCARIZ, 2012).

⁴⁶ *Nat. Hist.*, III, 28.

⁴⁷ SMITH, 1988; RODRÍGUEZ COLMENERO & FERRER SIERRA, 2014: 61-2; CENTENO, MORAIS & BARTOLOMÉ ABRAIRA, 2016: 76-7.

⁴⁸ CENTENO, MORAIS & BARTOLOMÉ ABRAIRA, 2016.

⁴⁹ CRUZ ANDREOTTI, 2006: 88; CIPRES, 2014: 26, nota 45.

⁵⁰ PEREIRA-MENAUT, 1984; 1992.

OS POVOS, ENTRE A LITERATURA E OS RESTOS ARQUEOLÓGICOS

Rejeitando qualquer equação mais ou menos simplista entre «culturas arqueológicas» e «grupos étnicos», há que ter presente quer a natureza seletiva e quase infinitamente variável dos «marcadores étnicos», quer a polivalência, semântica e múltiplos sentidos dos vestígios arqueológicos. Como lembrava, com desarmante simplicidade, Gerardo Pereira, «não é o mesmo uma casa redonda habitada por galaicos antes da conquista, que outra casa também redonda habitada pelos seus netos, falando já soavelmente o latim e concebendo a vida em termos provinciais romanos»⁵¹.

Desde logo, a etnicidade é apenas uma das expressões, correntemente emaranhadas, da identidade dos indivíduos e dos grupos, pelo que pode operar a diferentes níveis e variar consoante as diferentes circunstâncias, interlocutores e situações, interagindo com outras categorias de identificação como o género, *status* ou a religião⁵².

Ainda, e agora considerando o particular momento da etnogénese galaica, para a qual o papel de Roma parece ter sido fundamental (senão para a primeira, seguramente para o seu redimensionamento a uma imprevisível escala regional), haverá também que ter em conta não só a interação cultural como a modelação política desta «etnogénese aberta», como a classificaram González García e Parceró⁵³, talvez não ao ponto de podermos dizer que é a política que, em última análise, define a etnicidade ou que um poder político é indispensável para configurar, desenvolver e manter o sentimento étnico, como sugerem Derks e Roymans e Cardete del Olmo⁵⁴. Na proposta de Marta Raczynska, seguindo aliás a Woolf⁵⁵, «the knowledge resulting from literary data and preserved elements of material culture should be considered together not as the final explanation of the historical process, but as a complementary interpretative framework»⁵⁶.

Aprofundar os traços históricos dos *Callaeci* (tivessem de facto esse nome de nascença ou o ouvissem da boca dos Romanos), rastrear as suas raízes antes que Roma inventasse a *Callaecia* convoca várias aproximações e um contínuo e renovado esforço, tanto hermenêutico como heurístico, senão para sabermos exatamente quem eram e como eram, pelo menos para os podermos *imaginar* com maior segurança, à luz das ferramentas que a ciência histórica e a arqueologia nos proporcionam.

⁵¹ PEREIRA-MENAUT, 1984: 271.

⁵² DIAZ-ANDREU, 1998.

⁵³ GONZÁLEZ GARCÍA & PARCERO-OUBIÑA, 2007.

⁵⁴ DERKS & ROYMANS, 2009; CARDETE DEL OLMO, 2009; 2010.

⁵⁵ WOOLF, 2009.

⁵⁶ WOOLF, 2009.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (1999) — *Populi, Castella e Gentilitates*. «Revista de Guimarães». Vol. especial [Actas do Congresso de Proto-história europeia, I]. Guimarães, p. 133-50.
- BRATHER, Sebastian (2002) — *Ethnic Identities as Constructions of Archaeology: The case of the Alamanni*. In: GILLETT, A., ed. — *On Barbarian Identity. Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages. Studies in the Early Middle Ages*, vol. 4. Turnhout: Brepols, p. 149-175.
- BUCHHOLZ, Peter (1968) — *Perspectives for Historical Research in Germanic Religion*. «History of Religions», 8: 2. University of Chicago Press, p. 111-138.
- CARDETE DEL OLMO, Maria Cruz (2009) — *Construcciones Identitarias en el mundo antiguo: arqueología y fuentes literarias. El caso de la Sicilia Griega*. In SASTRE PRATS, Inés, coord. — *Arqueología Espacial: Identidades. homenaje a M.ª Dolores Fernández-Posse*, «Arqueología Espacial», 27. Teruel: Seminario de Arqueología y Etnología Turolense, p. 29-46.
- (2010) — *Paisaje, identidad y religión. Imágenes de la Sicilia antigua*. Barcelona: Bellaterra.
- CENTENO, Rui; MORAIS, Rui; BARTOLOMÉ ABRAIRA, Roberto (2016) — *Problemáticas e perspectivas sobre a presença militar no Noroeste hispânico no tempo de Augusto: o castro de Alvarelhos*. In MORAIS, Rui; BANDEIRA, M.; SOUSA, M. J., eds. — *Celebração do Bimilenário de Augusto. Ad Nationes. Ethnous Kallaiikon*. Braga: Câmara Municipal, p. 74-82.
- CHILDE, Vere Gordon (1929) — *The Danube in Prehistory*. Oxford: Clarendon Press.
- CIPRES, Pilar (2014) — *Hispania Citerior en la geografía de la Natvralis Historia de Plinio*. «Veleia», 31. Vitoria, p. 15-32.
- CRUZ ANDREOTTI, Gonzalo (2004) — *Una contribución a la etnogénesis ibérica desde la literatura antigua: a propósito de la geografía de Iberia y los Iberos*. In CRUZ ANDREOTTI, Gonzalo; GONZÁLEZ PONCE, Francisco J.; CANDAU MORÓN, José M., coord. — *Historia y mito: el pasado legendario como fuente de autoridade*. Málaga: Diputación de Málaga, p. 241-276.
- (2006) — *Políbio y la integración histórico-geográfica de la Península Ibérica*. In CRUZ ANDREOTTI, Gonzalo; LE ROUX, Patrick; MORET, Pierre, eds. — *La invención de una geografía de la Península Ibérica. I. La época republicana*. Málaga (Deputación); Madrid: Casa de Velazquez, p. 77-96.
- (2009) — *Etnias, fronteras e identidades en la Antigüedad hispana: algunas precisiones metodológicas a partir de las fuentes escritas*. In SASTRE PRATS, Inés, coord. — *Arqueología Espacial: Identidades*. «Arqueología Espacial», 28. Teruel, p. 63-77.
- (2016) — *Rome and Iberia: the making of a Cultural Geography*. In BIANCHETTI, Seren; CATAUDELLA, Michele R.; GEHRKE, Hans-Joachim, eds. — *Brill's companion to ancient geography: the inhabited world in Greek and Roman tradition*. Leiden-Boston: Brill, p. 274-297.
- CRUZ ANDREOTTI, Gonzalo; MORA SERRANO, Bartolomé, dir. (2004) — *Identidades étnicas, identidades políticas en el mundo prerromano hispano*. Málaga: Universidad.
- DERKS, Ton; ROYMANS, Nico, eds. (2009) — *Ethnic Constructs in Antiquity. The role of power and tradition*. Amsterdam University Press.
- DÍAZ-ANDREU, Margarita (1998) — *Ethnicity and Iberians: the archaeological crossroads between perception and material culture*, «European Journal of Archaeology», 1 (2), p. 199-218.
- DOPICO CAÍNZOS, María D. (2009) — *As transformações dos pobos do noroeste hispânico na época de Augusto: a evidência epigráfica*. In DOPICO CAÍNZOS, M.; RODRÍGUEZ ALVAREZ, P.; VILLANUEVA ACUÑA, M., eds. — *Do Castro á Cidade. A romanización na Gallaecia e na Hispania indoeuropea*. Actas do Curso de actualización sobre a romanización de Galiza. Lugo: Deputación, p. 31-53.
- FERNÁNDEZ-GÖTZ, Manuel A. (2008) — *La construcción arqueológica de la etnicidad*. Noia (A Coruña): Editorial Toxosoutos.

- (2009) — *Gustaf Kossinna: análisis crítico de una figura paradigmática de la arqueología europea*. «Arqueoweb. Revista sobre Arqueología en Internet», 11. Disponível em <<http://www.ucm.es/info/arqueoweb>>.
- (2011) — *Hacia una arqueología de la Etnicidad*. «Trabajos de Prehistoria», 68 (2). Madrid: 219-36.
- (2013) — *Revisiting Iron Age Ethnicity*. «European Journal of Archaeology», 16 (1), p. 116-136.
- (2013-2014) — *Etnicidad y Arqueología: viejas propuestas, nuevas perspectivas*. «Kalathos», 26-27. Teruel, p. 19-40.
- (2014a) — *Identity and Power: the transformation of Iron Age societies in Northeast Gaul*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- (2014b) — *Central Places and the construction of Collective Identities in the Middle Rhine-Moselle Region*. In POPA, Cătălin N.; STODDART, Simon, eds. — *Fingerprinting the Iron Age. Approaches to Identity in the European Iron Age. Integrating South-Eastern Europe into the Debate*. Oxford-Philadelphia: Oxbow Books, p. 175-186.
- (2016) — *Questions d'identité à l'Âge du Fer: réflexions historiques et regards anthropologiques*. In VITALI, Daniele; GOUDINEAU, Christian, dir. — *Il Mondo Celtico prima e dopo la conquista romana (...). Studi in honore di Jean-Paul Guillaumet*. Bologna: Museo Archeologico «Luigi Fantini», p. 19-30.
- GONZÁLEZ-GARCÍA, Francisco J.; PARCERO-OUBIÑA, César (2007) — *Bases para el estudio de la etno-génesis galaica*. In SAINERO SÁNCHEZ, Ramon, coord. — *Pasado y presente de los estudios celtas*. A Coruña: Fundación Ortegalia, p. 535-562.
- GONZÁLEZ RUIBAL, Alfredo (2006-2007) — *Galaicos. Poder y comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C.-50 d.C.)*. «Brigantium», 18, 19 (2006-2007). A Coruña.
- GUERRA, Amílcar (1996) — *Os nomes do Rio Lima. Um problema de toponímia e de geografia histórica*. In VILLAR, Francisco; ENCARNACÃO, José, coord. — *La Hispania Prerromana*. Actas del VI Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica. Salamanca: Universidad, p. 147-161.
- (2007) — *Reflexões em torno de alguns elementos da toponomástica do extremo Ocidente peninsular*. In KREMER, Dieter, ed. — *Onomástica galega. Con especial consideración da situación prerromana*. «Verba», anexo 58. Santiago de Compostela, p. 113-134.
- HALL, Jonathan M. (1997) — *Ethnic identity in Greek antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HODDER, Ian (1982) — *Symbols in action. Ethnoarchaeological studies of material culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HU, Di (2013) — *Approaches to the Archaeology of Ethnogenesis: Past and Emergent Perspectives*. «Journal of Archaeological Research», 21, p. 371-402.
- JONES, Siân (1997) — *The archaeology of ethnicity. Constructing identities in the past and present*. London; New York: Routledge.
- KOSSINNA, Gustaf (1911) — *Die Herkunft der Germanen. Zur Methode der Siedlungsarchäologie*. «Mannus-bibliothek», 6, Würzburg.
- KRISTIANSEN, Kristian (2001) — *Europa antes de la Historia. Los fundamentos prehistóricos de la Europa de la Edad del Bronce y la Primera Edad del Hierro*. Barcelona: Península.
- KULIKOWSKI, Michael (2007) — *Rome's Gothic Wars: From the Third Century to Alaric*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEMKIN, Raphaël (1944) — *Axis Rule in Occupied Europe: Laws of Occupation, Analysis of Government, Proposal for Redress*. Washington, DC: Carnegie Endowment for International Peace, p. 82-89.
- OLIVEIRA, Francisco de (1994) — *Lusitânia rural em Plínio o Antigo*. In GORGES, Jean Gérard; SALINAS DE FRÍAS, Manuel, eds. — *Les Campagnes de Lusitanie romaine: occupation du sol et habitats*. Madrid: Casa de Velazquez; Universidad de Salamanca, p. 31-44.

- OZCARIZ GIL, Pablo (2012) — *Divisiones administrativas conventuales y realidades etno-territoriales*. In SANTOS YANGUAS, Juan; CRUZ ANDREOTTI, Gonzalo, eds. — *Romanización, fronteras y etnias en la Roma Antigua: el caso hispano*. «Revisiones de Historia Antigua», VII. Vitória, p. 557-579.
- PEREIRA-MENAUT, Gerardo (1984) — *La formación histórica de los pueblos del norte de Hispania. El caso de Callaecia como paradigma*. «Veleia», 1 (1984). Vitoria, p. 271-287.
- (1992) — *Aproximación crítica al estudio de la etnogénesis. La experiencia de Gallaecia*. In ALMAGRO GORBEA, Martin; RUIZ ZAPATERO, Gonzalo, eds. — *Paleoetnología de la Península Ibérica*. Actas del I Congreso de Paleoetnología de la Península Ibérica. «Complutum», 2-3, Madrid, p. 35-43.
- (1998) — *Reflexions en clave histórica sobre Monte Mozinho*. In *Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida – I*. «Cadernos do Museu», 2. Penafiel, 1998, p. 37-50.
- (2005) — *Novas perspectivas sobre a vida nos castros galaico-romanos*. In *Castro, um lugar para habitar*. Colóquio «Cadernos do Museu», 11. Penafiel: Museu Municipal, p. 225-231.
- (2010) — *El moderno debate sobre la romanización*. «Veleia», 27. Vitoria, p. 239-253.
- (2015) — *La revolución del paisaje de Gallaecia en presencia del catalizador romano*. In PEREIRA-MENAUT, Gerardo; PORTELA, Ermelindo, eds. — *El territorio en la historia de Galicia. Organización y control. Siglos I-XXI*. Santiago de Compostela: Universidade, p. 15-35.
- PÉREZ VILATELA, Luciano (2000) — *Lusitania: Historia y Etnología*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- PLACIDO SUÁREZ, Domingo (2004) — *La configuración étnica del occidente peninsular en la perspectiva de los escritores grecorromanos*. «Studia Historica – Historia Antigua», 22. Salamanca, p. 15-42.
- (2009) — *Los pueblos prerromanos y sus observadores*. In SASTRE PRATS, Inés, coord. — *Arqueología Espacial: Identidades*. «Arqueología Espacial», 28. Teruel, p. 47-61.
- RACZYNSKA, Marta (2016) — *Rethinking the “otherness”. Selected aspects of Roman proto-ethnography of the European Barbaricum*. «Kultura i Historia», 29. Lublin, p. 102-121.
- REDENTOR, Armando (2011) — *A cultura epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis). Percursos pela sociedade brácara da época romana*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2 vols.
- REHER, Guillermo S. (2011) — *The “Introduction to Ethnicity Syndrome” in Proto-historical Archaeology*. In MOORE, Tom; ARMADA, Xose-Lois, eds. — *Atlantic Europe in the First Millennium BC: Crossing the divide*. Oxford: Oxford University Press, p. 656-667.
- REHER, Guillermo S.; FERNÁNDEZ-GÖTZ, Manuel (2015) — *Archaeological narratives in ethnicity studies*. «Archeologické rozhledy», 67 (3). Praga: [s.ed.], p. 400-416.
- RODRÍGUEZ COLMENERO, Antonio (1977) — *Galicia Meridional Romana*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- (1979) — *Augusto e Hispania. Conquista y organización del norte peninsular*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- coord. (1996) — *Lycvs Avgvsti, I. El amanecer de una ciudad*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- RODRÍGUEZ COLMENERO, Antonio; FERRER SIERRA, Santiago (2014) — *Augusto na Fisterra ibérica. Entre a vitória cântabra e os albores do culto imperial...* Lugo: Concello de Lugo.
- ROYMANS, Nico (2004) — *Ethnic Identity and Imperial Power. The Batavians in the Early Roman Empire*. «Amsterdam Archaeological Studies», 10. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- RUIZ ZAPATERO, Gonzalo (2009) — *Etnicidad protohistórica y arqueología: límites y posibilidades*. In SASTRE PRATS, Inés, coord. — *Arqueología Espacial: Identidades. Homenaje a M.^a Dolores Fernández-Posse*. «Arqueología Espacial», 27. Teruel: Seminario de Arqueología y Etnología Turo-lense, p. 13-27.

- RUIZ ZAPATERO, Gonzalo; ÁLVAREZ SANCHÍS, Jesús (2002) — *Tras la identidad de los Vettones: arqueología y etnicidad*. «SPAL», 11/2. Sevilha, p. 253-275.
- SHENNAN, Stephen J. (1989) — *Introduction: archaeological approaches to cultural identity*. In SHENNAN, S. J., ed. — *Archaeological approaches to cultural identity*. «One World Archaeology», vol. 10. London: Unwin Hyman, p. 1-32.
- SIAPKAS, Johannes (2003) — *Heterological Ethnicity. Conceptualizing identities in ancient Greece*. «Uppsala Studies in Ancient Mediterranean and Near Eastern Civilizations», 27. Uppsala: Uppsala Universitet.
- SILVA, Armando C. F. (2007) — *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, 2.^a ed., rev. e atualizada. Paços de Ferreira: Câmara Municipal/Museu Citânia de Sanfins [1.^a ed. 1986].
- SMITH, Roland R. R. (1988) — *Simulacra Gentium: the Ethne from the Sebasteion at Aphrodisias*. «The Journal of Roman Studies», 78, p. 50-77. DOI: <https://doi.org/10.2307/301450>.
- SMITH, Stuart T. (2003) — *Wretched Kush. Ethnic identities and boundaries in Egypt's Nubian empire*. London-New York: Routledge.
- STANTON, Gregory H. (2009) — *The Eight Stages of Genocide*. In TOTTEN, Samuel; BARTROP, Paul R., eds. — *The genocide studies reader*, p. 127-129. Ed. original de 1996, como documento de estudo apresentado ao Departamento de Estado dos EUA. New York: Routledge.
- TRANOY, Alain (1981) — *La Galice Romaine. Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'Antiquité*. Paris: Diffusion de Boccard.
- UCKO, Peter (1989) — *Foreward*. In SHENNAN, Stephen J., ed. — *Archaeological approaches to cultural identity*. «One World Archaeology», vol. 10, p. iii-xxi. London: Unwin Hyman.
- VOSS, Barbara L. (2015) — *What's new? Rethinking ethnogenesis in the Archaeology of Colonialism*. «American Antiquity», 80 (4), p. 655-670.
- WEIK, Terrance M. (2014) — *The Archaeology of Ethnogenesis*. «Annual Review of Anthropology», 43, p. 291-305.
- WHITTEN JR., Norman E. (1996) — *Ethnogenesis*. In LEVINSON, David; EMBER, Melvin — *Encyclopedia of Cultural Anthropology*. New York: Henry Holt and Co., p. 407-411.
- WOOLF, Gregory (2009) — *Cruptorix and his kind. Talking ethnicity on the middle ground*. In DERKS, Ton; ROYMANS, Nico, eds. (2009) — *Ethnic Constructs in Antiquity. The role of power and tradition*. Amsterdam University Press, p. 207-217.
- (2013) — *Ethnography and the Gods in Tacitus' Germania*. In ALMAGOR, Eran; SKINNER, Joe, eds. — *Ancient Ethnography. New Approaches*. London: Bloomsbury, p. 133-152.

